

08 MAI 1992

# “Temos pressa, pressa, pressa”

da Business Week

Durante dezessete anos, os executivos das companhias estrangeiras de computadores foram impedidos pelo mais gritante protecionismo de vender seus produtos no Brasil. Subitamente, estão vendo as coisas mudar rápido. Seguindo a iniciativa do presidente Fernando Collor de Melo, está em curso a abertura desse mercado por tanto tempo restringido.

Na semana passada, uma comissão do governo e da indústria acertou novos cortes nas tarifas de importação para material de computação. E no final de outubro os produtores de PC (computadores pessoais) verão o fim da longa proibição das importações e da produção local por empresas estrangeiras.

Para Collor, que vem lutando há dois anos para reformar a instável economia brasileira, esse tipo de liberalização comercial é uma necessidade urgente. Aos 42 anos, Collor é o primeiro presidente eleito democraticamente no Brasil em três décadas. Na sua campanha eleitoral, este faixa preta de caratê comprometeu-se a varrer a corrupção generalizada e a modernizar a economia.

Collor teme que, sem ação rápida, o Brasil fique para trás de seus vizinhos da América Latina. Eles estão levando adiante reformas de livre mercado e recebendo crescentes investimentos estrangeiros.

“Digo sempre que temos de ter pressa, pressa, pressa”, disse Collor em entrevista concedida à revista Business Week no futurístico Palácio do Planalto, em Brasília. “Dois anos e meio atrás, se você falasse em terminar com a proteção do mercado para a indústria de computadores, ou em abertura das fronteiras, ou em privatização, seria acusado de trabalhar contra os interesses nacionais.”

As empresas estrangeiras parecem já estar entendendo seu recado. No ano passado houve um influxo maciço de recursos, totalizando US\$ 11,6 bilhões. Outros US\$ 4,4 bilhões entraram no período janeiro/março deste ano. Entre os executivos das empresas brasileiras, há até algum otimismo quanto às oportunidades de Collor vencer uma persistente recessão. Ele já venceu algumas batalhas contra a crônica inflação brasileira. Ela caiu para uma taxa mensal de 21% em março.

(Continua na página 3)

Quarta-feira, 6 de maio de 1992 — GAZETA M

## • Nacional

POLÍTICA ECONÔMICA

# “Temos pressa, pressa, pressa”

da Business Week

(Continuação da 1ª página)

comparada aos 27% de janeiro. Enrico Misasi, presidente da Olivetti do Brasil, diz que “nossa linha de produtos se expandiu incrivelmente, e estamos projetando crescimento de 15 a 20% nas vendas locais e exportações”.

Outro setor que vem ganhando ímpeto é o programa de Collor para privatizar o vasto complexo brasileiro de empresas estatais. Espera-se participação estrangeira no leilão, marcado para 15 de maio próximo, de uma usina petroquímica com preço mínimo de US\$ 784 milhões. Importantes sindicatos agora apoiam essas vendas, compreendendo ser essa a única maneira de salvar os empregos de seus filiados. De outra forma, “as companhias perderão mercado, demitirão empregados e irão à falência”, diz Collor.

Ele está até mesmo preparado para enfrentar a briga da privatização das sensíveis estatais de petróleo e telefonia brasileiras, Petrobrás e Telebrás. “A questão são os monopólios, não a privatização”, diz Collor. Isso significa que, pela primeira vez, empresas privadas poderão competir com as estatais. Para tanto, Collor está pedindo ao Congresso brasileiro que revogue a proibição constitucional à operação de empresas privadas nesses setores, considerados

vitais para a segurança nacional.

Para estimular a economia e deter permanentemente a inflação, Collor está preparando um ataque ao inchado setor governamental. Em breve solicitará poderes para reformar o sistema tributário e cortar o déficit público. Também quer autoridade para demitir milhares de burocratas que gozam de estabilidade vitalícia no emprego. Ele enfrenta dificuldades no Congresso mas espera que pelo menos a reforma fiscal seja aprovada antes do final do ano.

Os planos de Collor vêm ganhando impulso com o avanço regional rumo ao livre comércio no Mercosul, o bloco econômico que o Brasil formou com a Argentina, Uruguai e Paraguai. Ímpeto ainda maior poderá ser fornecido pela Iniciativa para as Américas do presidente Bush. Ela visa ligar os outros países do hemisfério ao proposto Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), terminando com a criação de um bloco comercial no hemisfério.

Collor endossa esse objetivo: “O que gostaríamos de ver depois que o Brasil se estabilizar e formar uma parceria com seus vizinhos é integração mais ampla por meio da iniciativa de Bush”. As reformas de Collor já fazem do Brasil o motor da recuperação para uma grande porção da América do Sul.